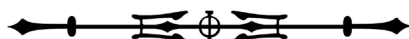


## Paper do NAEA Volume 28

# A turistificação e patrimonialização na representação do espaço do Círio de Nazaré em Belém-PA<sup>1</sup>

*Débora Rodrigues de Oliveira Serra*<sup>2</sup>



### RESUMO

O presente estudo enfoca a turistificação e a patrimonialização do Círio de Nazaré como processos que interferem na produção do seu espaço a partir da tríade dialética desenvolvida por Lefebvre (2013), visando relacioná-los à dimensão da representação do espaço. A análise tem, como objetivo, a compreensão de que a concepção do espaço dada por tais processos implica nas dimensões do percebido e do vivido da festividade. Como procedimento metodológico encontram-se o levantamento e a análise bibliográfica e documental e observações em campo realizadas na Secretaria de Estado de Turismo - SETUR no ano de 2014, quando a presente autora atuava no setor de Marketing dessa instituição. Observa-se, como resultado, que nas concepções do espaço sobre o Círio de Nazaré, faz-se necessário considerar os espaços percebido e vivido a fim de se evitar ocasionem efeitos prejudiciais à própria festividade.

**Palavras-chave:** Turistificação. Patrimonialização. Círio de Nazaré. Produção do Espaço. Representação do Espaço.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho trata-se de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará e está sendo realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará. Bacharela em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: deb Serra1980@hotmail.com.

## **ABSTRACT**

This study focuses the touristification and patrimonialization of the Círio de Nazaré as processes that interfere in the production of their space from the dialectic triad developed by Lefebvre (2013), aiming to relate them to the dimension of space representation. The purpose of the analysis is to understand that the conception of space given by such processes implies the dimensions of the perceived and lived of the festivity. As a methodological procedure are the survey and the bibliographical and documentary analysis and field observations made at the Secretary of State for Tourism - SETUR in the year 2014, when the present author was active in the Marketing sector of this institution. It is observed, as a result, that in the conceptions of space on the Círio de Nazaré, it is necessary to consider the spaces perceived and lived in order to avoid causing detrimental effects to the festivity itself.

**Keywords:** Tourism. Patrimonialization. Nazare's Cirio. Production of Space. Representation of space.

.

## INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré em Belém é realizado há mais de duzentos anos e é considerado uma das maiores manifestações católicas do mundo, tendo o seu auge no segundo final de semana de outubro, quando ocorrem as maiores procissões e eventos não religiosos relacionados à festividade. Sua expansão está relacionada à sua turistificação, que o tornou cada vez mais expressivo e contribuiu para a sua transformação em um complexo de eventos patrimonializado em 2004.

Com a abordagem geográfica dessa festividade, busca-se, como objetivo, a compreensão da importância do caráter espacial em tais processos, tendo-se o espaço como produtor e reprodutor das relações sociais de produção e entendido a partir das dimensões do percebido e do vivido, mas também do concebido, o qual o presente estudo busca relacionar aos processos de turistificação e a patrimonialização, utilizando-se como metodologia o levantamento e a análise bibliográfica e documental e observações em campo realizadas na Secretaria de Estado de Turismo - SETUR no ano de 2014, quando a presente autora atuava no setor de Marketing dessa instituição.

A estrutura do presente artigo se divide em três seções, as quais abordam, respectivamente, as análises: da festividade por uma perspectiva geográfica; dos processos de turistificação e patrimonialização relacionados à representação do espaço, e, finalmente, do modo como essa representação tem se dado a partir da transformação do Círio em atrativo turístico registrado como patrimônio imaterial. Busca-se, desse modo, apontar para a necessidade da aproximação entre o que é concebido como espaço do Círio e o modo como ele é percebido e vivenciado pelos seus participantes.

## UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA SOBRE O CÍRIO DE NAZARÉ

Dada a sua importância como fenômeno social, o Círio de Nazaré em Belém tem sido abordado por diversas áreas do conhecimento. Parte das produções tem sido reunida no site Biblioteca Digital do Círio<sup>3</sup>, que já apresenta um variado acervo com vídeos, imagens, cartazes e trabalhos científicos de antropólogos, sociólogos, historiadores, comunicadores sociais, turismólogos, economistas, entre outros.

Na Geografia produzida no Pará, porém, são encontrados poucos trabalhos abordando essa festividade. Em 1971, Eidorfe Moreira, conhecido por suas contribuições para essa ciência, publica a obra *Visão Geo-Social do Círio*, na qual ele observa as transformações sócio espaciais da procissão principal<sup>4</sup>, destacando a intensa participação de devotos interioranos.

Como produções acadêmicas paraenses na Geografia, pode-se destacar Pantoja (2004) como trabalho de conclusão de curso, o qual trata das territorialidades móveis no Círio, usando como recorte a Praça da República, e, na pós-graduação, a dissertação de mestrado de Serra (2014) sobre o processo de turistificação do espaço dessa festividade.

3 Projeto da Universidade Federal do Pará hospedado no site <http://bibliotecadocirio.org/index.php/2014-09-05-18-00-52/busca> (acesso em 15 set 2018).

4 O termo Círio se refere tanto à festividade, quanto à principal procissão, realizada no segundo domingo de outubro.

Desse modo, a abordagem geográfica do Círio de Nazaré em Belém possibilita a compreensão da relação dessa festividade com o espaço, o qual está presente em diversos ramos do conhecimento científico, mas na geografia se tornou central, tornando-se um ponto de partida para estudos mais voltados à criticidade. A construção de seu conceito, todavia, se dá a partir de contribuições externas às elaboradas pelos geógrafos, destacando-se os estudos de Henri Lefebvre, o qual se refere a um conhecimento do espaço à escala global, sendo ele “essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção” (LEFEBVRE, 2008, p. 48).

Carlos (2017) afirma que, observando a reprodução continuada do capital na segunda metade do século XX, Lefebvre compreende que as forças produtivas caminham para além da produção de coisas, seguindo para algo mais amplo, para a “produção como reprodução de relações sociais, bem como à compreensão da reprodução do espaço social como necessidade do modo de produção capitalista em sua fase de realização”. (p. 57). Para ela, Lefebvre não trata do conceito de espaço, mas sim da “produção do espaço”, dado que a noção de produção, presente na teoria marxista que o influenciou, possibilita identificar o momento histórico em que o espaço se torna necessário para a reprodução de um modo de produção, importando, ainda, identificar os sujeitos desse processo: o Estado, o capital e os sujeitos sociais.

Na obra “A produção do espaço”, Lefebvre (2013) trabalha com tríades dialéticas, apresentando as dimensões das práticas espaciais, das representações do espaço e dos espaços de representação, às quais correspondem, respectivamente, três tipos de espaço: percebido, concebido e vivido. No prólogo, Lorea (2013) esclarece essas dimensões e espaços afirmando que:

O primeiro [espaço percebido] deve ser entendido como o espaço da experiência material, que vincula realidade cotidiana (uso do tempo) e realidade urbana (redes e fluxos de personas, mercadorias ou dinheiro, que se assentam em – e transitam – o espaço), englobando tanto a produção, como a reprodução social. O segundo [espaço concebido] é o espaço dos especialistas, o cientistas, os planejadores. O espaço dos signos, dos códigos de ordenamento, fragmentação e restrição. O terceiro [espaço vivido], finalmente, é o espaço da imaginação e do simbólico dentro de uma existência material. É o espaço de usuários e habitantes, de onde se aprofunda na pesquisa de novas possibilidades da realidade espacial. (LOREA, 2013, p.15-16, tradução nossa).

Lefebvre (2013) supõe que tais dimensões interferem na produção do espaço de diferentes maneiras, considerando as suas características, seu modo de produção e o momento histórico, sendo que a relação entre elas apresenta uma tensão permanente.

Analisando as festividades religiosas a partir da tríade do vivido, percebido e concebido, pode-se afirmar que elas materializam, no espaço, devoções comuns entre indivíduos ou grupos sociais, de modo que o concebido por eles sobre a devoção passa, com a festividade, a uma prática espacial, onde a materialidade da devoção é percebida socialmente pelos sentidos. Essa materialização envolve uma concepção da relação entre a devoção e o espaço físico em que ela se manifesta, ou seja, os lugares selecionados para a realização da festividade, por meio da representação do espaço. Ademais, ela é vivenciada de diferentes modos por indivíduos, a partir da relação entre a maneira como concebem a devoção e o que eles percebem na festividade, formando-se os espaços de representação.

Assim, uma análise sobre o espaço vivido de modo diferenciado entre indivíduos indica que, havendo diferenças no modo como eles concebem a relação entre a devoção e o espaço, a seleção de espaços para a realização de uma festividade religiosa pode não se dar de

modo unânime, fazendo-se necessário compreender as razões pelas quais alguns indivíduos ou grupos impõem sua concepção aos demais, pois tal imposição pode resultar tanto em consentimentos, quanto em conflitos.

Em referência ao Círio de Nazaré em Belém, conforme IPHAN (2006), ele se origina em 1793 com a procissão principal, precedida do chamado ante Círio (atual Trasladação), com um percurso que refazia o caminho da lenda das “fugas” da imagem<sup>5</sup>. Tais procissões continuam a reviver essa lenda, embora, a partir de 1890, com o fechamento da capela do Palácio do Governo após a posse dos republicanos, o final da trasladação e início da procissão se altere para as igrejas mais próximas do referido palácio. Desse modo, o percurso selecionado buscou manter a relação com uma lenda que contribuiu para o crescimento da devoção o que, possivelmente, agradou a maioria dos fiéis.

Todavia, na expansão espacial e temporal do Círio, com a criação de novas romarias, observam-se divergências nas opiniões dos fiéis, a exemplo da Romaria Fluvial, criada em 1986. Henrique (2016) apresenta a manifestação de um católico anônimo que critica o excesso de romarias e enfatiza que a Romaria Fluvial se assemelha mais a um piquenique, que a um momento religioso. Essa concepção vai ao encontro do que afirma Bonna (1993, p. 59-60), pois, segundo ela, era turística a intenção do seu criador, o historiador Carlos Rocque, então presidente da Companhia Paraense de Turismo – PARATUR, órgão de turismo de esfera estadual, extinto em 2014. A criação desse evento gerou um novo atrativo que possibilitou aos turistas uma atividade a ser realizada na manhã do sábado que antecede à procissão principal do Círio, além de marcar o processo de expansão do Círio para a região metropolitana de Belém porque ela se inicia no distrito de Icoaraci e o percurso até ele se dividiu em duas romarias que se estendem para os municípios de Ananindeua e Marituba, ampliando-se o espaço da festividade no que se refere aos eventos realizados pela Igreja (SERRA, 2014).

Apesar da intenção turística na expansão espacial do Círio com a realização de uma romaria nas águas que banham a cidade de Belém, Matos (2010, p. 223) observa que “[...] os mitos de origem e narrativas milagrosas associadas às águas, desde os mares de Portugal aos grandes rios do Pará, vêm à tona para justificar o vínculo do evento com as características culturais da região.”

Aliado à turistificação e acompanhando uma tendência mundial, o Círio de Nazaré foi oficializado como patrimônio imaterial desde o ano de 2004. Tais processos, de turistificação e patrimonialização, atuam na representação do espaço dessa festividade quando especialistas definem as manifestações de maior importância e de maior relação com a devoção a partir de sua própria concepção ou para atender a interesses de agentes hegemônicos.

Entretanto, ressalta-se que a importância da análise dos referidos processos pela dimensão do concebido não exclui a compreensão de que, dialeticamente, eles também envolvem a vivência e o significado que os devotos e demais participantes atribuem aos eventos selecionados e não selecionados como atrativos ou como patrimônios oficializados; bem como envolvem a sua percepção de que as manifestações têm ou não sido divulgadas

---

5 Conforme a lenda, a imagem era levada por Plácido para a sua casa, mas ela sempre retornava ao local o seu achado. Intrigado, um governador da época resolveu levar a imagem até o Palácio do Governo, onde ela ficou sendo vigiada durante toda a noite, mas, ao amanhecer, os guardas perceberam o seu desaparecimento, sendo encontrada novamente no lugar em que ela foi encontrada por Plácido

turisticamente, apoiadas ou patrocinadas por instituições públicas ou privadas e preservadas as suas características.

Desse modo, conforme propósito desse estudo, enfatizaremos a relação da representação do espaço com os referidos processos, que se fazem cada vez mais presentes no modo de produção capitalista.

## **A TURISTIFICAÇÃO E A PATRIMONIALIZAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO**

Patrimonialização e turistificação são processos inter-relacionados. Para Cruz (2017, p. 10), o turismo massificado “é expressão do processo de mundialização que consagra a articulação entre essa atividade e o patrimônio cultural, convertido em objeto de consumo e alocado numa aparente encruzilhada entre valor de uso e valor de troca”.

Paes (2009) afirma que a patrimonialização envolve:

(...) um conjunto de práticas sociais, desde as mais diversas formas de produção cultural, de saberes simbólicos e técnicos, até os inúmeros processos de institucionalização do patrimônio como tal, que permitem a preservação dos bens culturais (PAES, 2009, p. 164).

Todavia, a seleção do que deve ou não ser patrimonializado envolve disputas econômicas, políticas e simbólicas envolvendo seus agentes, os quais, para Canclini (1999), são o setor privado, o Estado, e os movimentos sociais.

O termo turistificação, por sua vez, tem sido usado nacional e internacionalmente para se referir à apropriação e transformação de espaços para o turismo e ao direcionamento de atividades para o atendimento de visitantes, buscando-se, assim, atender, sobretudo, a interesses mercadológicos. Figueiredo (2008) observa que a turistificação está direcionada à adequação ou criação de espaços para o turismo, sendo que ela:

[...] notadamente um conceito novo, serve para demonstrar um relativo direcionamento de espaços, cidades, ou mesmo cadeias de produção à atividade turística. Esse direcionamento se dá a partir da mudança da conformação da paisagem e do ordenamento espacial, para que se adequem às novas atividades econômicas (FIGUEIREDO, 2008, p. 86).

A partir de uma abordagem territorial, Fratucci (2008) afirma que o “processo de turistificação dos espaços [...] compreende tanto o processo de apropriação simbólica de trechos do espaço pelo turista (...), como o processo de dominação pelos agentes econômicos e pelos agentes de governo (p.53)”.

Quanto aos agentes de turistificação do espaço, Knafou (1996) elenca os turistas, o mercado e os planejadores e promotores “territoriais”, aqui considerados como o Estado. Cruz (2007) afirma que os agentes hegemônicos seriam o Estado e o mercado, tendo muitas vezes o primeiro uma postura de subserviência em relação ao segundo. Ela acrescenta, porém, que “a hegemonia de um ou de outro não anula as possibilidades de contramovimentos” (p. 11), referindo-se às reações da sociedade civil organizada. E completa a discussão sobre a hegemonia dos agentes reconhecendo o papel dos turistas tanto por serem a razão da atuação do Estado e do mercado, como por serem responsáveis pela invenção de muitos

destinos turísticos. Fratucci (2008) amplia essa concepção incluindo entre os agentes as comunidades das áreas receptoras.

Na relação entre patrimonialização e turistificação, Cruz (2017) observa que o debate patrimonial, institucionalizado no século XVIII, e o desenvolvimento do turismo como atividade econômica organizada, iniciado no século XIX, são processos socioculturais “distintos nas suas gênesis, mas convergentes no que tange aos interesses de agentes sociais envolvidos com sua organização”. (p. 9-10). Desse modo, há agentes presentes simultaneamente nesses dois processos.

O uso do patrimônio como atrativo turístico possibilita uma seletividade, pelo mercado, do que deve ser patrimonializado e valorizado. Para Bertinello (2010), essa seleção se dá mais por critérios e interesses das sociedades de origem dos turistas do que das sociedades a quem esse patrimônio pertence e para quem se justifica a patrimonialização. Assim, infere-se que o que não é interessante economicamente, tende a não ser valorizado como patrimônio, reduzindo-se a possibilidade da diversidade.

Embora a turistificação e a patrimonialização se deem pela atuação de diversos agentes, no modo de produção capitalista, o Estado e o mercado atuam de modo hegemônico nesses processos, selecionando, por meio dos planejadores e da sua concepção do espaço, o que deve ou não atrair turistas e/ou ser preservado.

Nesse sentido, tais processos podem ser analisados pela dimensão da representação do espaço, uma vez que a concepção do espaço se relaciona ao vivido e ao percebido, podendo, entretanto, a partir de um saber técnico, mas também ideológico, atender a interesses dos grupos hegemônicos.

Referindo-se ao espaço do ócio e seu consumo, Lefebvre (2013, p. 116) afirma que “[...] na prática espacial do neocapitalismo, com os transportes aéreos, as representações do espaço permitem manipular os espaços de representação (sol e mar, festa, gasto e desperdício)” (tradução nossa). A partir dessa afirmação, infere-se que as práticas espaciais contemporâneas capitalistas, relativas a bens culturais materiais e imateriais, com os processos de turistificação e patrimonialização atuando na concepção do espaço a partir de interesses mercadológicos, alteram o sentido e, portanto, os espaços de representação relativos a esses bens.

Tendo o Círio como objeto de análise desse estudo, evidencia-se, a seguir a seguir a representação do seu espaço considerando o modo como tem se dado a sua patrimonialização e turistificação.

## **A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NO CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM A PARTIR DA TURISTIFICAÇÃO E PATRIMONIALIZAÇÃO**

A dimensão cultural do Círio se revela em diversos elementos, tais como o artesanato, a gastronomia e a própria ligação entre o que é considerado sagrado e profano. Tais elementos subsidiaram o processo de sua patrimonialização pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2004, e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, em 2013, uma vez que eles representam as influências de negros, brancos e índios na formação da identidade brasileira (HENRIQUE, 2011).

Nesse sentido, deduz-se que tal processo, por meio do qual se cria uma concepção de espaço, buscou considerar grande parte do que está presente nos espaços vivido e percebido da festividade, uma vez que, tanto elementos religiosos, quanto não estritamente religiosos, foram patrimonializados. Anteriormente a sua patrimonialização, verifica-se, porém, a intensificação de ações voltadas para a sua turistificação, de modo que o aumento do fluxo turístico no Círio se deve, entre outros, à articulação de agentes religiosos, políticos, econômicos e culturais.

Para (MATOS, 2010), desde a década de 1980, diversas festividades populares têm sido apoiadas por instituições governamentais nos âmbitos federal, estadual e municipal, e por transnacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, em razão do aprofundamento da globalização econômica e técnica e da mundialização da cultura. Esse apoio possibilita que tais eventos atraiam novos investimentos (incluindo-se o setor privado), atraindo-se também mais expectadores, o que aumenta o retorno financeiro aos investidores, mas também “o prestígio e o reconhecimento tanto para os organizadores, patrocinadores, apoiadores, quanto para os participantes em geral e turistas” (p. 21).

Henrique (2016) observa que em meados do século XX, a festividade passou a ser associada ao turismo, sendo tratada como um produto a ser colocado nas prateleiras dos principais lugares emissores de visitantes e que, assim, as mudanças realizadas pela Igreja deixaram de ter um caráter essencialmente religioso e passaram a ser acompanhadas por um discurso que as legitimasse, o de que o Círio deve se tornar cada vez mais atrativo turisticamente para beneficiar economicamente a população local. Nesse processo, a permanência ou a inserção de novos elementos na festividade passam a ser determinadas pelo mercado, o que ocasiona um esvaziamento no sentido de diversas práticas populares regionais, ao mesmo tempo em que são importadas práticas consideradas de sucesso em diversas manifestações, sendo elas religiosas ou não.

Santuários como Fátima, em Portugal, e Aparecida do Norte, no Brasil, são reconhecidos pela sua atratividade turística, tornando-se exemplos a serem seguidos no desenvolvimento do segmento do turismo religioso. Todavia, há dificuldade na importação, pelo Círio, de práticas encontradas em tais santuários, uma vez que eles são visitados permanentemente, enquanto os lugares mais representativos da devoção nazarena, em Belém, atraem visitantes eminentemente no período da festividade.

Assim, para aumentar a atratividade turística pela devoção nazarena em Belém, tornaram-se necessários investimentos que possibilitassem que os visitantes tivessem contato com elementos do Círio durante todo o ano, o que, conforme Serra (2014) é um interesse da Igreja revelado tanto em entrevistas com diretores da festividade, quanto em ações que criaram ou alteraram, permanentemente, objetos espaciais no entorno da Basílica de Nazaré.

Todavia, mudanças profundas em relação ao Círio podem levá-lo a perder seu significado e conflitar com a sua patrimonialização. Com base em Telles (2007), Serra (2014) diferencia o tombamento de bens materiais do registro do que é imaterial, dado que o registro é um modo jurídico de proteção mais flexível, pois os bens imateriais mudam conforme a dinâmica da sociedade. Desse modo, o registro se refere à realidade de uma manifestação de modo abrangente, mas num determinado momento.

Em relação à patrimonialização do Círio, o processo de patrimonialização municipal, que,



por meio da Lei Nº 9.126, de 15 de junho de 2015, reconheceu apenas parte dos elementos considerados sagrados, os quais estão sob responsabilidade da Igreja, e, como único evento de caráter profano, o Auto do Círio, pode contribuir para a redução da sua pluralidade. Ressalta-se que, com a alteração dada pela Lei Nº 9394, de 31 de julho de 2018, foi incluído o artesanato de miriti entre os elementos reconhecidos.

O quadro abaixo compara os principais bens patrimonializados/associados pelo IPHAN/UNESCO e pelo município:

Quadro: Principais elementos do Círio de Nazaré em Belém-PA patrimonializados/associados

IPHAN/UNESCO	MUNICÍPIO DE BELÉM
<b>ELEMENTOS GERIDOS PELA IGREJA</b>	<b>ELEMENTOS GERIDOS PELA IGREJA</b>
<p><b>Essenciais:</b> Procissão Principal, Imagens original e peregrina, Trasladação, Berlinda, Recírio, Corda e Alegorias.</p> <p><b>Não essenciais:</b> Barcas, Traslado para Ananindeua, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto e Ciclo Romaria, Romarias das Crianças, Procissão da Festa, Visitas da Santa aos Fiéis, Descida e Subida da Imagem e Missa do Mandato, Concurso de Redações.</p>	<p>Procissão Principal, Traslado para Ananindeua, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Romaria das Crianças, Trasladação, Recírio, Berlinda, Corda e Carros.</p>
<b>ELEMENTOS NÃO GERIDOS PELA IGREJA</b>	<b>ELEMENTOS NÃO GERIDOS PELA IGREJA</b>
<p><b>Essenciais:</b> Arraial, Brinquedos de Miriti e Almoço do Círio.</p> <p><b>Não essenciais:</b> Auto do Círio, Arrastão do Boi Pavulagem e Festa da Chiquita.</p>	<p>Auto do Círio, Artesanato de Miriti.</p>

Fonte: IPHAN, 2006; BELÉM, 2015; BELÉM, 2018. (organizado pela autora).

A publicação da referida lei de patrimonialização municipal segue da justificativa de veto do prefeito à presença da Festa da Chiquita na lista de elementos:

[...] não considero o elemento “Festa da Chiquita” como elemento integrante das festividades religiosas, pois não faz parte da programação oficial do Círio. O fato de ser uma festa tradicional, e que ocorre às vésperas da maior procissão da cidade, não a faz elemento essencial do Círio. Reconhecer a “Festa da Chiquita” como elemento essencial dos festejos religiosos não seria tecnicamente correto, haja vista que, seria dado tratamento desigual para as demais festas que ocorrem no mesmo período, razão pela qual, considero mais prudente e coerente deixar a referida festa excluída da lei, para que sejam efetivamente considerados patrimônios culturais os elementos essenciais do Círio, consoante programação oficial do Círio de Nazaré (BELÉM, 2015, p. 2).

Tal justificativa é passível de questionamentos uma vez que, não havendo um consenso sobre o que seria a programação oficial do Círio, o texto parece se referir apenas aos eventos religiosos. Ademais, o “tratamento desigual” poderia ser motivo para o veto total, considerando que não foram inclusos no projeto de lei alguns elementos sagrados e profanos considerados essenciais pelo IPHAN, que assim os elencou por sua continuidade histórica ou por terem sido “incorporados à tradição de tal forma que é impossível pensar o Círio de Nazaré sem eles” (IPHAN, p. 70).

No que se refere à turistificação, é possível observar que a atuação do poder público tem se dado de modo a proporcionar o aumento da atratividade do Círio, a exemplo da criação da Romaria Fluvial, na qual agências de turismo podem ampliar seus ganhos com a criação de um produto turístico que inclui shows de cantores locais e café da manhã nas embarcações. Todavia, esse aumento da atratividade ocorre, em geral, de modo a não criar conflito com a Igreja e, nesse sentido, se observam ações que podem resultar na redução da pluralidade do Círio, tal como a sua divulgação em materiais promocionais turísticos que restringem a festividade a elementos religiosos.

Observa-se, a partir de tais exemplos, que o espaço concebido para o Círio pelo legislativo municipal, na sua patrimonialização, e pelos planejadores do turismo, em nível estadual, tem desconsiderado elementos percebidos e vivenciados por moradores e visitantes. Entretanto, a concepção proveniente da patrimonialização em escala nacional e global, se diferencia e se aproxima do que é vivido e percebido.

Em relação às ações do Estado para a turistificação do Círio, observa-se a sua promoção em eventos nacionais e internacionais, pela PARATUR, atualmente SETUR (SERRA, 2014). Todavia, ela tem ocorrido de modo a minimizar a presença dos eventos profanos. Nesse aspecto, ressalta-se que, conforme observações em campo, essa promoção do “destino” Pará se deu também por volta de 2014 com o uso de um DVD, produzido pelo referido órgão, nos quais apenas o Auto do Círio é colocado como evento profano, e de material impresso, como a revista História do Círio de Nazaré em Quadrinhos, a qual menciona como elementos profanos apenas o arraial, os brinquedos de miriti e o almoço do círio, descrevendo, ainda, a Romaria Fluvial, como forma dos “caboclos” que vivem a margem dos rios homenagearem a santa.

Assim, compreende-se que os processos de turistificação e patrimonialização se inter-relacionam e para que a representação do espaço no Círio se aproxime de sua realidade como prática espacial e espaço de representação, observa-se a importância de que essa festividade seja reconhecido por todos os agentes envolvidos (Igreja, Estado, empresários, população local e turistas) como um complexo de eventos formado por uma dimensão religiosa, mas também cultural em sentido amplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Círio de Nazaré, por sua antiguidade e expressividade nacional e mundial, tem sido abordado sob a perspectiva de diversos campos do conhecimento. Sua análise pela Geografia, porém, é mais recente, dado que o interesse dessa ciência por temas relativos à cultura, no Brasil, em comparação a outras ciências, só tem se intensificado recentemente.

Desse modo, o presente estudo buscou analisar a referida festividade, bem como seu processo de turistificação e patrimonialização pela produção do espaço, conceito que se

tornou fundamental para a chamada Geografia Crítica, tendo por base o método dialético desenvolvido por Henri Lefebvre e caracterizado por tríades, destacando-se as dimensões dos espaços de representação, da representação do espaço e das práticas espaciais.

Assim, considerando que para Lefebvre (2013), a representação do espaço está relacionada ao modo como planejadores e tecnocratas o concebem, infere-se, no presente estudo, que os processos de turistificação e patrimonialização encontram-se nessa dimensão, fazendo-se necessária, na análise do Círio de Nazaré, a ampliação da visão de seus agentes para a sua pluralidade, observadas nas dimensões do vivido e do percebido, evitando-se, assim, que ela seja suprimida para o atendimento dos interesses de grupos específicos, que envolvem também a lógica do mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELÉM. Lei N° 9.126, de 15 de junho de 2015. *Diário Oficial do Município de Belém*. Belém, 2015
- BELÉM. Lei N° 9.394, de 31 de junho de 2018. *Diário Oficial do Município de Belém*. Belém, 2018
- BERTONCELLO, R. *Turismo y patrimonio: entre la cultura y el negocio*. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (Org.). *Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Annablume, 2010.
- BONNA, M. *Dois Séculos de Fé*. Belém: Sejup, 1993.
- CANCLINI, N. G. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: AGUILAR CRIADO, Encarnación (Org.). *Patrimonio Etnológico: nuevas perspectivas de estudio*. Andalucía: Consejería de Cultura, 1999.
- CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRUZ, R. C\_. *Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca, 2007.
- CRUZ, R. Prefácio. In: PAES, M. T. D.; SOTRATTI, . A. *Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural: Identidades, Usos e Ideologias*. São Paulo: Annablume, 2017
- FIGUEIREDO, S. Espaços de cultura nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. In: FIGUEIREDO, Silvio (Org.). *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. Belém: NAEA, 2008. p. 79-92.
- FRATUCCI, A. C. *A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.
- HENRIQUE, M. C. Do ponto de vista do pesquisador: o processo de registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural brasileiro. *Amazônica - Revista de Antropologia*, Belém, v. 3, n. 2.
- HENRIQUE, M. C. Círio de Nazaré: entre a fé e o espetáculo. IN: FREITAS, R. F. et al (org). *Megaeventos, Comunicação e Cidade*. Curitiba: CRV, 2016.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Círio de Nazaré – *Dossiê*. Volume I. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.
- LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. *La Producción del Espacio*. Madrid: Capitan Swing, 2013.

LOREA, I. M. Prólogo. IN: LEFEBVRE, H. *La Producción del Espacio*. Madrid: Capitan Swing, 2013.

MATOS, L. da S. *Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré*. 2010. 280f. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2010.

PAES, M. T. D. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais um olhar geográfico. In: BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

PANTOJA, V. *Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré*. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

SERRA, D. R. O. *O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2014.

TELLES M. F. de P. *Proteção ao Patrimônio Cultural Brasileiro: Análise da articulação entre o tombamento e registro*. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.